



Coordenador
Higor Vinicius Nogueira Jorge

CONSELHOS A UM JOVEM POLICIAL

O que muitos gostariam de ter ouvido
quando ingressaram nas carreiras policiais

2024

 EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

INTRODUÇÃO

Higor Vinicius Nogueira Jorge

Prezados(as) Colegas de Jornada

É com imensa alegria e profundo respeito que me vejo na coordenação desta obra singular, um farol de sabedoria dedicado aos corajosos homens e mulheres que optaram por enfrentar os desafios das carreiras policiais.

Este trabalho transcende a ideia de um simples manual; ele se apresenta como um companheiro, um mentor que, por meio de suas páginas, ilumina o caminho com as lições aprendidas por aqueles que já percorreram essas jornadas. Em colaboração com uma renomada editora jurídica do país, nosso objetivo vai além de oferecer conselhos. Pretendemos fornecer uma orientação firme para navegar pelos intrincados caminhos no combate à criminalidade, muitas vezes repletos de obscuridade.

Esta iniciativa nasce de um vínculo profundo com o propósito da missão policial e um entendimento das influências significativas que delinearão meu percurso. Cresci no seio de uma família imersa nas

questões de segurança pública; filho de Hélio Molina Jorge, um Delegado de Polícia dedicado, e Denise Suely Nogueira Jorge, uma Carcereira Policial incansável, ambos agora desfrutando de uma merecida aposentadoria após décadas de serviço distinto. Essa herança familiar me ensinou o valor inestimável de receber orientações firmes e conselhos pragmáticos para a construção de uma carreira resiliente, inclusive, a partir da aposentadoria dos meus pais surgiu a ideia deste livro.

Minha experiência como professor concursado na Academia de Polícia da Polícia Civil do Estado de São Paulo, interagindo com policiais em formação e também apresentando aulas nos cursos de aperfeiçoamento e especialização oferecidos pela referida instituição de ensino, reforça minha percepção sobre os desafios enfrentados por esses profissionais e a indispensabilidade da capacitação continuada, como tem sido oferecido pela Academia de Polícia.

Dentro deste panorama, gostaria de salientar algumas diretrizes fundamentais para aqueles que estão iniciando essa nobre trajetória.

Inicialmente recomendo que cultivem o respeito recíproco entre os colegas, independentemente da posição hierárquica. Relevante que estendam essa cortesia aos membros de outras entidades. A camaradagem e o respeito constituem a espinha dorsal de uma atuação policial eficiente.

Importante oferecer um atendimento dedicado à população que recorre às Delegacias de Polícia. Cada pessoa carrega consigo uma história única, enfrentando adversidades e buscando soluções; elas merecem nosso comprometimento e um tratamento humanizado.

A saúde física e mental do policial é outra questão fundamental. Reservem momentos para o autocuidado, pratiquem exercícios físicos e promovam um ambiente de trabalho saudável.

É interessante que o ambiente de trabalho seja positivo. Importante que façam do local de trabalho um espaço acolhedor, o que beneficiará tanto os colegas quanto os que vêm em busca de assistência.

A base familiar é crucial para superar os desafios diários. Dediquem tempo aos seus entes queridos e encontrem neles suporte nos momentos de adversidade.

A integridade do profissional de segurança pública tem que ser inquestionável e, nestes termos, pode-se afirmar que a confiança pública se fundamenta na integridade. Os policiais devem se manter íntegros em todas as ações, visando sempre o bem-estar das vítimas de crimes e o enaltecimento da Instituição Policial.

Por fim, ao mergulharem nas páginas deste livro, lembrem-se de que cada conselho é uma tocha que ilumina, uma experiência a ser assimilada e um legado a ser perpetuado. Que esta obra transcenda a condição de mera leitura, transformando-se em uma fonte de inspiração constante, um orientador seguro nos momentos de dúvida e um recordatório do impacto significativo que cada um pode ter na edificação de uma sociedade mais segura, equitativa e solidária.

Com a mais profunda estima e admiração,

Higor Vinicius Nogueira Jorge

2

ORIENTAÇÕES ÚTEIS NA EXECUÇÃO DOS LABORES POLICIAIS

Ademir Gasques Sanches

Caro Policial Civil,

A você policial civil que acabou de ingressar nessa laboriosa instituição ou que esteja prestes a nela entrar, me dirijo até você para dizer certas coisas que poderão ser úteis na execução dos labores policiais, em especial, nos primeiros tempos de atividade. Saiba que o trabalho policial é um dos mais dinâmicos de todo o saber humano. Todos os dias nos deparamos com fatos novos e com personalidades de todas as espécies, por isso, temos que nos moldar a isso. O que irei expressar nas linhas que se seguem são coisas que eu gostaria de ter ouvido quando fui admitido pela laboriosa Polícia Civil do Estado de São Paulo. Embora entre nós haja uma razoável distância, embora nos últimos tempos todas as instituições experimentaram grandes mudanças, creio que, no tocante ao nosso assunto, pouco ou nada mudou, de forma que aquilo que eu deveria ter ouvido nos primórdios de minha vida policial, o que agora te revelo, será tão útil para você como teria sido para mim.

A minha trajetória como profissional de polícia passou por três grandes e importantes momentos. Digo isso porque tive a felicidade de

pertencer a três carreiras na Polícia Civil bandeirante: carcereiro, investigador de polícia e delegado de Polícia. O exercício das duas primeiras foi fundamental para o desenvolvimento da última dadas as experiências nelas acumuladas.

Assim, meu caro colega iniciante, que carinhosamente chamo de recruta, conto primeiro o que gostaria de ter ouvido quando ingressei como carcereiro. É bem verdade que o cargo de carcereiro está sendo extinto na vacância, mas ainda, em muitas situações, presos são custodiados pela Polícia Civil. Portanto, quase todos os policiais civis poderão ter que cuidar de pessoas detidas, logo devem ouvir o que eu também queria ter ouvido.

Ainda menino, aos vinte anos de idade ingressei na laboriosa instituição policial civil na condição de carcereiro, cargo que exerci durante um ano na cadeia pública de Jales. Depois do curso na Academia de Polícia, diga-se de passagem, bastante breve, muitas informações teóricas me foram passadas. Porém, ao me deparar com a realidade, uma cadeia repleta de criminosos de todas as espécies, percebi que muitas outras coisas eu queria ter ouvido para melhor desempenhar meu trabalho. Na ocasião, a escassez de funcionários, assim como hoje, era grande. No início, dividia o plantão com apenas um outro carcereiro num revezamento de 24 por 24 horas. O que muito auxiliava na época era a polícia militar que fazia guarda interna, sempre havia um policial no corredor fazendo a vigilância, o que nos proporcionava segurança, principalmente, nos momentos em que era necessário entrar no interior do estabelecimento. Mas, ao iniciar uma lida policial, principalmente a de carcereiro, gostaria de ter ouvido, além do que foi me dito, muitas outras coisas, das quais destaco as seguintes:

- 1) Que ser profissional de polícia, em especial carcereiro, é saber manter distância do fato e da personalidade do recluso. Sem paixões. Pouco importa o crime que tenha ele cometido, pois, por conta disso, ele está privado de sua liberdade, um dos maiores direitos de que somos titulares. Portanto, para conceder o tratamento que por direito ele tem, é de imperiosa necessidade

que o carcereiro execute o seu trabalho sem outras indagações. Não poderia dizer a ele, por exemplo: como você cometeu um crime horrendo e pela sua extrema maldade, não lhe concederei banho de sol ou visitas. Ainda, na mesma linha de raciocínio, também pode acontecer o contrário. O sentimento de injustiça em relação a determinado encarcerado pode levar o carcereiro a lhe conceder benesses não previstas em lei que, na maioria das vezes, atenta contra a própria segurança do estabelecimento e dos outros profissionais que laboram naquele local.

- 2) Que os familiares dos presos, pais, irmãos, esposas, entre outros, nem sempre são delinquentes. Tal informação passada de maneira bem esclarecida, certamente teria feito eu agir de forma diferente, notadamente no princípio. Tendia a ver familiares de malfeitores como delinquentes também. Em decorrência, possivelmente, como já disse, no início, deixei de acolher adequadamente pessoas da família de detentos.

Foram, na verdade, dois pequenos detalhes que entendo que faltaram no começo de minha vida policial. Tais faltas não tiveram consequências maiores, mas se tivessem se verificado, provavelmente, com mais eficiência teria cumprido, pelo prazo de um ano, a nobre missão de carcereiro.

Então, meu caro companheiro novato, pode ter certeza que já sendo conhecedor desses detalhes ao principiar a carreira, a probabilidade de ser um policial mais eficiente não é pequena.

Ano seguinte, após novo concurso público, felizmente, galguei a carreira de investigador de polícia. Por oito anos, exerci essa fascinante carreira. Dessa feita, já forjado como policial civil por um curso na nossa respeitável Academia de Polícia e, sobretudo, pelo exercício das funções de carcereiro, me senti muito mais confortável e pude auxiliar os novos colegas investigadores de polícia falando das minhas experiências obtidas no trabalho executado na cadeia pública. No entanto, embora não um policial civil totalmente neófito, algumas coisas mais eu gostaria

muito de ter ouvido ao ingressar na nova carreira. Fui, da minha família, o primeiro a me tornar policial. Muito provavelmente, os oriundos de famílias que têm outros policiais, ao longo da vida, ouvem e assistem coisas importantes relativas à atividade que irão desenvolver. Digo isso porque depois de mim, na família, outros se enveredaram para a seara policial. O meu filho caçula, por exemplo, logo após concluir o curso de direito, assim que cumpriu os requisitos legais exigíveis, foi aprovado para Delegado de Polícia do Estado de São Paulo. Embora reunisse todas as condições necessárias para ser aprovado em qualquer outro concurso da área jurídica, por ser vocacionado, optou por Delegado de Polícia. Aliás, desde tenra idade deixava clara tal vocação. A ele, mesmo muito antes de saber se realmente concretizaria o sonho de infância, até mesmo de forma aleatória, muitas informações foram passadas, não só por mim, mas também por muitos outros amigos policiais civis que frequentavam a nossa casa, onde, inevitavelmente, o assunto policial dominava os encontros. Muito do que ouviu, viu e assistiu, inquestionavelmente, lhe serviu de parâmetros no exercício de suas atividades, possivelmente, auxiliando na tomada de algumas decisões.

Como não tive nenhuma vivência policial familiar, algumas coisas me faltaram. Mesmo após um ano de exercício como carcereiro, ao chegar a investigador de polícia, após algum tempo, gostaria de antes ter ouvido pelo menos duas coisas:

- 1) Que ao ingressar na polícia, à sua identidade pessoal é agregada um adjetivo, que reputo muito importante e que todos os que abraçam essa profissão devem ostentá-lo com orgulho. O adjetivo a que me refiro é: “policial”. Como assim? Explico melhor: Antes de ingressar na polícia, eu era o Ademir, depois passei a ser o Ademir carcereiro, o Ademir investigador de polícia e o Ademir delegado de polícia. Enfim, o Ademir policial. Bom, isso poderia, em princípio, ser bastante simplista, pois também ocorre em muitas outras profissões, como por exemplo, Fulano pedreiro, Ciclano médico, Beltrano vendedor. Porém, no caso do policial, o tema é mais complexo. E, justamente, é

mais profundo por que do policial sempre se espera conduta exemplar. Talvez, seja uma das razões da existência do dever dos policiais civis contido no artigo 62, IX da Lei complementar 207/79 que determina que o policial civil deve proceder na vida pública e particular de modo a dignificar a função policial. Isso significa dizer que, mesmo na vida privada, o policial civil precisa se comportar de forma a engrandecer a sua instituição. Na qualidade de professor da Academia de Polícia de São Paulo, da disciplina de direito administrativo disciplinar, quando ministro aulas em curso de formação, tento esclarecer os novos policiais sobre essa profunda responsabilidade. Para aclarar bem a situação, estabeleço um exemplo comparativo, dizendo o seguinte: Imaginemos que desta turma alguém morasse em uma cidade pequena e fosse vendedor de um estabelecimento comercial. Sendo esse vendedor um bom piloto de motocicleta e, aos domingos à tarde, indo à praça e com habilidade conduzisse a sua possante com apenas a roda traseira, tal jovem seria considerado, pelo menos entre seus amigos, como um verdadeiro ás do guidão, encantando as pessoas que o assistiam. Esse mesmo jovem, depois de ingressar na polícia, volta para sua cidade e adota o mesmo comportamento. Seria ele enaltecido como fora antes? Não. Ao contrário. Iriam dizer, mas ele não é policial? Policial pode agir assim? Quando outras pessoas atrasam o pagamento do aluguel ou de qualquer outro débito é comum se dizer que os tempos estão difíceis, logo é normal atrasar. Mas, se o policial atrasar o pagamento de suas contas, ele não ouvirá tais atenuantes, mas que policial não pode ser mau pagador. Portanto, é de extrema necessidade que todos os policiais antes de darem o primeiro passo na jornada policial tenham essa informação.

- 2) Que às vezes você é mais policiado do que polícia. Guardando bastante semelhança com a hipótese anterior, esta também era uma informação muito útil àqueles que estão na iminência de iniciar a vida policial. O investigador de polícia, ao dar os

primeiros passos na contagiante função investigativa, pode lhe parecer que ele é o senhor absoluto na atividade de policial. Todavia, meu jovem policial, desde os bons tempos da “campanha”, a rainha das investigações que, se bem feita, não falhava, nós também éramos “acampanados”. Essa discreta vigilância contra nós executada não era feita apenas por aqueles que andejam no submundo do crime, mas até mesmo pessoas de idoneidade inatacável gostavam de sondar nossas vidas. Hoje, com o avanço da tecnologia, certamente somos muito mais policiados do que policiamos. Nosso comportamento é avaliado o tempo todo.

Por derradeiro, estimado(a) jovem policial, depois de ‘passar um ano na condição de carcereiro e oito anos na qualidade de investigador de polícia, fui aprovado no concurso de Delegado de Polícia, cuja função exerci por muitos municípios de nosso Estado. Antes de iniciar a atividade de Delegado de Polícia, eu ainda precisava ouvir alguma coisa? Dizer que não seria muita pretensão, pois sempre somos carentes de mais informações. Porém, já calejado das outras lidas policiais, acredito que, no geral, já tinha ouvido, visto e assistido tudo aquilo que se precisava para desempenhar mais um trabalho policial.

Algumas práticas são exigidas de todos os policiais e delas não devemos nos afastar, ao contrário, diariamente, é preciso que diante de nós mesmos sejam elas confirmadas. É preciso que todos os dias nós policiais renovemos o nosso compromisso de humildade, de bom senso, de espírito de justiça, de espírito de equipe, de amor, de respeito para com o próximo. A sensibilidade deve estar sempre à flor da pele dos policiais. Servir todos os dias de instrumento de justiça nos torna mais fraternos, mais solidários e melhores policiais. De imperiosa necessidade é se ter a ciência que uma das únicas portas abertas as 24 horas de cada dia, para toda a sociedade, notadamente, aos economicamente hipossuficientes são as da Delegacia de Polícia. Quem quer que nelas bata deve ser atendido de maneira respeitosa. Hodiernamente, dado o alto avanço da tecnologia e das modernas necessidades humanas, a inovação, o empreendedorismo e a capacidade de liderança são atributos indispensáveis de

todos os profissionais, em especial, dos policiais, em vista da dinâmica de suas atividades.

Prezado(a) policial civil recém-formado(a), no exercício de nossas atividades, cotidianamente nos deparamos com poderosos de todas as formas, seja no campo econômico, no campo político ou na área intelectual, assim como nos deparamos com pessoas muito simples em todos os sentidos. Mas tanto para o poderoso como para o maltrapilho o tratamento dispensado há de ser o melhor. Aos nobres e aos humildes o acolhimento há de ser isonômico. Portanto, nunca se apequene diante de gigantes, mas também nunca se agigante diante de pequenos.

Depois de tudo que falei, você meu jovem colega, poderia me perguntar se valeu a pena ser policial. Sem pestanejar, de pronto te respondo, valeu sim. Antes de ser policial e depois que me aposentei exerci muitas outras atividades, mas nenhuma delas me proporcionou tanta realização profissional e pessoal quanto a polícia. Se fosse possível recomçar minha vida, sem sobras de dúvidas, percorreria os mesmos caminhos pela polícia.

Querido(a) policial iniciante que além de você ter ingressado na família policial civil, o espírito e os postulados institucionais penetrem no seu coração e na sua alma.

Fraternal abraço a todos.